

Palácio do Rio de Janeiro em 7 de Janeiro de 1865, 44^o da Independência e do Império. Com a rubrica de S. M. o Imperador. Francisco José Furtado; José Liberato Barroso; Carlos Carneiro de Campos; João Pedro Dias Vieira; Henrique de Beaurepaire-Rohan; Francisco Xavier Pinto Lima; Jesuino Marcondes de Oliveira e Sá.

(De um boletim publicado na Tipografia de Bernardo Saturnino da Veiga, Cidade da Campanha, 1865).

*

SITUAÇÃO RELIGIOSA NA IRLANDA NO SÉCULO XVIII

(W. H. Fitchett)

A Irlanda era para Wesley um campo novo, estranho, bravio e infeliz — um paradoxo da civilização; campo em que, não por qualquer crueldade da natureza ou por qualquer propósito de Deus, mas unicamente pelos ódios e tolices do gênero humano, as coisas boas se tornavam más. A lei inspirava crime. A religião nutria ódios. A liberdade tornava-se em autor da tirania. A Irlanda dos primeiros Georges e das leis penais ! Haveria outro pedaço qualquer do mundo civilizado onde a religião de Jesus Cristo se avizinhasse tanto à da derrota e onde o trabalho da religião parecesse tão desesperado ?

Lord Hutchinson condenou a Irlanda de então numa sentença terrível: “Uma aristocracia corrupta, um vulgacho feroz, um governo anarquizado e um povo dividido”. A sociedade constituía uma teia de ódios temíveis. Os protestantes detestavam e oprimiam os católicos; os anglicanos detestavam e oprimiam os não-conformistas; os romanistas odiavam a ambos, e quando se lhes oferecia oportunidade, matavam-nos. Green diz: “Depois da capitulação de Limerick todo católico irlandês foi tratado como estrangeiro e forasteiro em sua própria pátria”. O governo estava nas mãos da duodécima parte da população, que o explorava para si mesmo para encher-se os bolsos às expensas das outras onze partes. Os ódios de classe eram nutridos pela lei. O católico irlandês estava praticamente fora da lei em seu solo nativo; o presbiteriano irlandês vivia sob a ameaça do Ato de Prova; e o próprio anglicano irlandês tinha de ficar com chapéu na mão na presença de anglicano que possuísse o mérito de ser inglês.

Mas é o paradoxo de negócios irlandeses no século XVIII que mais impressiona o estudante do século XX. Representa uma inversão, quase

sem paralelo na história, de toda a ordem natural. Os ingleses haviam ganhado a liberdade na Irlanda somente para negá-la aos irlandeses. As duas forças mais nobres na sociedade humana são a autoridade da lei e a autoridade da religião. São, ou devem ser aliadas. Mas na Irlanda de então eram inimigas mortais. O principal fim da lei na Irlanda visava à eliminação daquilo que quatro em cada cinco de seus habitantes tinha por religião. Em parte alguma o Protestantismo — ou, antes, o que se dizia ser o Protestantismo — se achava tão forte e em parte alguma ele havia fracassado tanto. Em nenhum outro país o Romanismo se achava tão vexado e coagido, e em nenhum outro país ele se via tão perto do triunfo. Foi perseguido e a perseguição converteu os seus sacerdotes em fanáticos e enobreceu-os em mártires.

O Protestantismo que a Irlanda conheceu nesses tempos tristes havia tomado emprestado a Roma a sua política de perseguição; a perseguição, neste caso, era irmã gêmea da avareza. Estava tão pronta a bater a carteira de suas vítimas ou a confiscar suas fazendas, como em punir-lhes a teologia tão notavelmente corrupta. O plebeu irlandês, por sua vez, estava casado com a sua religião, não simplesmente por forças espirituais — freqüentemente nada tinham de espirituais — mas por um conjunto de forças que constituíam uma contradição do termo espiritual: ódio de classe; a lembrança de injustiças imperdoáveis, injustiças às vezes sofridas, às vezes cometidas; a lealdade à sua classe; a sua ignorância; numa palavra, os seus ódios. E nunca houve ignorância tão completa, nem ódios tão amargos. Eram ódios raciais, que tinham suas raízes na história, e que se conservavam vivos e fundos pela opressão.

E nunca jamais o Protestantismo pecou tão fatalmente contra o próprio gênio como na Irlanda desse tempo. O pároco protestante tirava o dízimo das batatas ao plebeu romanista para o seu próprio sustento, mas não fazia esforço algum para convertê-lo, entendê-lo, falar a sua língua, ou para iluminar a sua ignorância.

(Fitchett, W. H. — Wesley e seu século: um estudo de forças espirituais., Vol. I, pp. 289/291. Trad. de Eduardo E. Joiner. Porto Alegre, Tip. de Carlos Echenique, 1916).